



CLÍNICA DE PSICOLOGIA NA ABORDAGEM HUMANISTA EXISTENCIAL - RELATO DE EXPERIÊNCIA.

GAEDE, Angela¹
SILVA, Bruna²
WEIBER, Eliane³
WEIBER, Selma⁴
MALISZEWSKI, Regis⁵

RESUMO

O presente artigo apresenta o Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica - Diagnóstico Psicológico, Teoria e Prática, do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, campus de Cascavel - PR, que tem como proposta preparar melhor os futuros profissionais, antes mesmo de sua inserção no mercado de trabalho, para uma prática que se amplie cada vez mais, se tratando da atividade psicoterapêutica, com o objetivo de instigar nos estagiários o desenvolvimento de suas diversas habilidades, possibilitando que estes, ainda na graduação, possam ter um contato maior com a realidade de trabalho de sua profissão.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagem Centrada na Pessoa, Reflexo de Sentimento, Atitudes Tutelares.

1. INTRODUÇÃO

No decorrer deste semestre vivenciamos na clínica escola do Centro Universitário Faculdade Assis Gurgacz a prática do atendimento clínico, este supervisionado pelo professor Régis Maliszewski da Silva.

Neste sentido, a clínica psicológica nas universidades serve tanto como um espaço de alívio do sofrimento psicológico, quanto como uma porta de entrada para o mundo profissional dos estagiários, que nesse momento tem a oportunidade de manter contato com a atitude clínica de forma mais direta.

Acadêmica do 9º Período do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – psiangelanogueira@gmail.com

² Acadêmica do 9º Período do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. – brunasthefanipsico@gmail.com

³ Acadêmica do 9º Período do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. – elianeapws@gmail.com

⁴ Acadêmica do 9º Período do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. – selmaweiber@gmail.com

⁵ Professor orientador do curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. – regispsico@yahoo.com.br



Segundo Peres (2004), o estágio básico de clínica tem como intuito o primeiro acolhimento ao cliente e a primeira escuta fazendo com que o acadêmico aprimore seus conhecimentos na área de psicologia. De modo a articular a temática em discussão, faz-se, primeiramente um relato sobre a contribuição do estágio para uma formação qualificada, logo após, apresenta-se um breve histórico sobre a Abordagem Centrada na Pessoa - ACP, em seguida será exposto a análise e discussões relatando as experiências e vivências do estágio.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. REFLETINDO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA FORMAÇÃO QUALIFICADA

O estágio supervisionado é o local que ocorre a capacitação do estudante para que haja uma postura reflexiva e crítica, o que faz parte da constituição de um momento ímpar relacionado à formação profissional. Ele oportuniza ao acadêmico a inserção no mercado de trabalho e na prática profissional, tendo assim, a oportunidade de entrar em contato com a realidade, que ao mesmo tempo que é concreta, se faz contraditória. Faz-se então, um espaço de extrema relevância para a capacitação dos discentes dentro da psicologia.

Ribeiro e Tolfo (2011) explicam que o reconhecimento do estágio como parte do projeto pedagógico e do itinerário formativo do educando, as disposições da Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008 (BRASIL, 2008), representam uma evolução na política de trabalho para os jovens no Brasil. Desta forma, o estágio tem a função de junção entre o contexto acadêmico e o das práticas nas instituições sociais e de trabalho, trazendo para a universidade o feedback das informações adquiridas, num contínuo movimento de diálogo de modo a transformar em ações os conceitos e otimizar as atividades externas da universidade.

Para Campos (2009), os estágios proporcionam ao acadêmico a oportunidade de exercitar a teoria, colocando o conhecimento em prática e tendo um acompanhamento qualificado tanto da instituição de ensino, como do orientador responsável pelo seu estágio. Além do mais, o aprendizado se torna muito mais proveitoso e eficaz quando é conquistado através da experiência, visto que na prática o conhecimento é assimilado com mais eficácia, isso é visto no momento em



que o estagiário obtém a lembrança daquilo que realizou e aprendeu em sala de aula, no momento do percurso de seu estágio.

O estágio se consiste em uma técnica de aprendizado que ocorre através do exercício de funções que se referem à profissão, que de maneira geral, será executada no futuro, tendo a possibilidade de concatenar os conhecimentos teóricos aprendidos no curso, com os conhecimentos práticos proporcionados pelo estágio (SCALABRIN e MOLINARI, 2015).

Tardif (2002) traz em sua bibliografia que o estágio supervisionado faz parte de uma das etapas mais significativas na vida acadêmica dos alunos, obedecendo assim, o que é proposto pelas exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), visto que a partir do ano de 2006, o estágio é constituído como uma proposta de proporcionar ao acadêmico a pesquisa, o planejamento, a observação, a execução e a avaliação das diferentes atividades, o que contribui para que haja uma aproximação da teoria acadêmica com a prática em sala de aula.

Assim sendo, é de extrema importância que o estagiário tenha a capacidade de se encontrar com a realidade social da psicologia, para assim, preparar seu futuro como profissional, fazendo a diferença, sem importar o âmbito onde nós, como profissionais, estejamos inseridos. A prática do psicólogo deve ser pensada dia após dia, buscando sempre se atualizar, contribuindo assim para o seu futuro profissional, tendo mais segurança e constituindo-se como psicólogo. Por ser uma primeira experiência atuando de fato como psicólogo clínico, permite ao acadêmico em formação, perceber as dificuldades vivenciadas a cada atendimento, buscando assim, melhorar a cada dia mais, para realizar sua profissão de maneira satisfatória.

2.1.1. ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

De acordo com a Associação Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa - APACP (2005), a ACP é uma abordagem de relações interpessoais, que foi desenvolvida pelo psicólogo Carl Ransom Rogers, que é determinado como sendo pioneiro na pesquisa científica. A APACP ainda diz que o proposto da Abordagem Centrada na Pessoa é que cada indivíduo tem em si uma tendência atualizadora, ou seja, inerente ao organismo para desenvolver, crescer e atualizar suas potencialidades em uma direção construtiva e positiva.

Carl Rogers (1982) traz a ideia de que o grande princípio da Abordagem Centrada na Pessoa advém do fato de que o sujeito possui dentro de si recursos para alterar seu auto-conceito e sua auto-compreensão, seu comportamento auto-dirigido e suas atitudes básicas, e todos esses recursos



pode ser percebido pelo outro, se um clima definido de atitudes psicológicas facilitadoras puder ser oferecido ao outro.

A terapia proposta por Carl Rogers foi inicialmente chamada de não-diretiva, que passou a ser chamada atualmente como sendo centrada na pessoa. Rogers (1982) diz que as mudanças que são benéficas para a personalidade do cliente, ocorre não apenas através das técnicas utilizadas ou das teorias, mas sobretudo, em função das atitudes do terapeuta, da relação humana que é estabelecida entre o cliente, não importando o contexto em que o mesmo está inserido. Para que estas mudanças ocorram, se faz necessário três atitudes fundamentais por parte do terapeuta.

A Associação Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa - APACP (2005) traz como sendo atitudes psicológicas que facilitam a tendência atualizadora:

- **Congruência** - ou seja, ser uma pessoa integrada na relação, com sua experiência representada em sua consciência. Quando a pessoa está sendo congruente, está sendo livre e profundamente ela mesma, vivenciando sentimentos e atitudes que estão fluindo dentro dela, de maneira aberta. Portanto, a congruência está intimamente ligada com a genuinidade.
- **Consideração positiva incondicional** - significa aceitar cada aspecto da experiência da outra pessoa, não colocando condições para a aceitação e/ou apreciação do sujeito. Portanto, é uma forma de apreciar o outro como uma pessoa que permite ter seus próprios sentimentos e experiências.
- **Compreensão empática**, que significa compreender e perceber acuradamente o quadro interno do outro como se fosse o seu próprio, com seus componentes e significados emocionais.

Carl Rogers, sem dúvida, foi umas das personalidades mais geniais e marcantes de nosso século. Desde o início dos anos 30, quando começou a trabalhar como psicoterapeuta até o ano de sua morte em 1987 - quando foi indicado para receber o prêmio Nobel da Paz - Rogers se dedicou intensamente ao desenvolvimento e aprimoramento de uma abordagem das relações humanas promotora do crescimento e da realização das potencialidades criativas do indivíduo, não somente no campo da psicoterapia, como também no campo da educação, da sociologia e da política (TAMBARA e FREIRE, 1999, p.36).

Rogers perguntava-se constantemente sobre sua técnica se realmente era eficaz, tendo uma preocupação se ajudava seus pacientes. Como sua formação foi psicanalítica, acabou modificando radicalmente sua forma de trabalho como psicoterapeuta, desenvolvendo sua própria forma de abordar psicoterapia.(TAMBARA e FREIRE, 1999).

2.1.2. ATITUDES TUTELARES

Segundo Tambara e Freire (1999), as atitudes tutelares são a forma como o terapeuta age quando oferece ao cliente os seus próprios recursos, acreditando que assim o está ajudando, tentando consolá-lo, impedindo ou dificultando a liberação de seus recursos internos, isso ocorre quando o terapeuta não confia na capacidade do cliente. Estas atitudes esvaziam e obstruem o processo terapêutico, assim, faz com que o cliente fique preso as suas dificuldades, pois ele já encontrou alguém que faça isso por ele.

Albertoni (2011) diz que é impossível pensar a respeito das Atitudes Tutelares, deixando de lado as consequências trazidas por este ato que parte do terapeuta. A atitude tutelar, no momento da sessão, pode fazer com que o resultado seja o julgamento em seu caráter diagnóstico, um convite à dependência do sujeito como cliente. A atitude de ordem tutelar visa reconfortar, encorajar, consolar e tranquilizar aquilo que a pessoa está vivendo e trazendo para a terapia.

Na ACP, ainda de acordo com o autor supracitado, todas essas intervenções são iniciativas que como consequência, desqualifica a experiência trazida pelo indivíduo, sendo assim, desmotivado para partilhar de seus conteúdos mais intensos, dando o poder a quem qualifica sua experiência como sendo profissional e científica, ou seja, o terapeuta, no momento que toma como intervenção as atitudes tutelares, é quem sabe como a pessoa é, o que vai acontecer e o que deve fazer. Por fim, é muito provável que o cliente perceba uma certa expectativa de seu terapeuta no que se refere aos conteúdos advindos do cliente, buscando assim satisfazer essa expectativa, para agradar o terapeuta.

2.1.3. REFLEXO DE SENTIMENTO

Holanda (2009) explica que o objetivo do terapeuta centrado na pessoa é o de participar da experiência imediata do cliente, não julga, avalia, analisa ou interroga, ele segue o caminho natural do próprio cliente em suas respostas, buscando entender seus significados, ao ponto de retomá-lo, onde o cliente reconhece que é sua a resposta. Neste sentido a abordagem rogeriana é conhecida pelo nome de reflexo.



No reflexo de sentimento, conforme Tambara e Freire (1999), é como o terapeuta comunica ao cliente os sentimentos que dele percebe nas entrelinhas, através da escuta, mesmo que o cliente não se refira a estes sentimentos e sejam vivenciados naquele momento. Quando o terapeuta utiliza desta ferramenta está indicando ao cliente que o compreende e que sim está acompanhando seu movimento de auto exploração.

O objetivo do reflexo de sentimentos é descobrir a atitude, a intenção ou até mesmo o sentimento inerente às palavras, não impondo isto para o cliente, mas sim, propondo-os. É ainda tornar claro tudo aquilo que o cliente traz para o terapeuta, afim de que o cliente se perceba (HOLANDA, 2009).

Ainda de acordo com o autor supracitado, o reflexo de sentimentos possibilita a centralização daquilo que ele traz em seu discurso, ou seja, faz com que o cliente perceba a perspectiva existencial do mesmo. É através deste ponto que ocorre a funcionalidade deste modelo de intervenção dentro da Abordagem Centrada na Pessoa. Alguns autores consideram esta intervenção como sendo livre de pressões, emanando o reflexo de sentimentos, permitindo que o cliente tenha uma grande progressão para suas experiências.

2. METODOLOGIA

O artigo trata-se de um relato de experiência onde visa descrever a vivência de modo a contribuir de forma relevante para o aprendizado de Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica: Diagnóstico Psicológico, Teoria e Prática. Os encontros são realizados na Clínica FAG na cidade de Cascavel-PR, durante as segundas-feiras das 13h 30 min. às 18h 30 min., compondo 114 horas que são divididas em supervisão e atendimento clínico, com o foco na Abordagem Centrada na Pessoa. O acadêmico de psicologia tem a oportunidade do primeiro contato com o cliente trabalhando a escuta. A demanda segue uma fila do Sistema Único de Saúde - SUS, bem como da 10ª Regional de Saúde, onde os pacientes são triados nos postos e UBS e encaminhados para a Clínica FAG, onde aguardam para atendimento. A Abordagem Centrada na Pessoa utiliza-se de algumas atitudes e intervenções que intermediam a comunicação entre terapeuta e cliente, neste trabalho apresentaremos as atitudes mais vivenciadas pelas acadêmicas, são elas atitudes tutelares e reflexo de sentimento.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES



As experiências relatadas advêm dos resultados de um trabalho desenvolvido na disciplina de “Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica: Diagnóstico Psicológico, Teoria e Prática”. Portanto, neste momento em específico, serão relatadas experiências e vivências obtidas no decorrer dos atendimentos.

O parágrafo abaixo traz uma citação da conversa entre terapeuta e cliente em um atendimento, onde pode ser observado o esforço do terapeuta em ter uma escuta sem julgamento e sem direcionar o cliente, nesse momento o terapeuta realizou uma intervenção pautada na atitude tutelar.

Cliente: *“Agora eu tô até pensando tomara que dê certo as minhas costuras, agora mais que eu comprei mais maquina, dai eu quero fica nesse ramo de costura, e agora lá no curso nós começamos a prender a costurar tecido sabe, nossa não é fácil sabe, antes era malha era uma beleza a professora passava um modelo, dai a gente cortava e costurava era tudo rapidinho, agora meu Deus do céu, agora eu to numa camisa até que agora falta faze as caseirinhas e colocar os botão, mais eu fiquei três semana pra faze ela entre corta, costura e faze o colarinho sabe, nossa senhora não rendia porque tem ser bem costuradinho não pode fica torto o tecido é bem mais difícil”.*

Terapeuta: *“Sim eu acredito que seja mesmo, porque o tecido é mais liso ele escorrega né, mais eu percebo que você gosta de costurar o que falta é você ter a prática e isso é com o tempo mesmo”.*

No relato acima há a demonstração da atitude tutelar do terapeuta, onde a mesma tenta consolar e encorajá-la a continuar demonstrando ser amiga da mesma e conforme Tambara e Freire (1999), o terapeuta não está presente ali na relação terapêutica, sendo o compromisso dele com a liberação das forças de crescimento do seu cliente.

Cliente: *“Porque ele foi ele não dá atenção nenhuma pra gente, entendi, ele já não dá muita atenção, ai agora tem a M., dai é mais totalmente ela sabe, ai ele saiu eeee tipo, diz que não tem dinheiro, ele a nunca tem dinheiro, mas poxa ele sempre ta indo pra bar, sempre saindo comer, sempre fazendo as coisas com os amigos, e daí pra gente ele não tem, nunca tem, e isso me incomoda.”*

Terapeuta: *“Como se você sentisse um abandono por parte de seu pai, um sentimento assim, um sofrimento mesmo, e você queria que ele fosse mais atencioso, mais presente, e ele não está com vocês a hora que você quer...”*

No diálogo acima, a terapeuta consola a cliente, oferecendo o que os outros indivíduos já ofereceram formas tutelares de ajuda, Tambara e Freire (1999) pontua que “o terapeuta conduz o cliente para um processo que ele considera bom, fazendo assim com que o cliente sinta-se dependente e dificultando sua autonomia.”

Cliente: *“Ela passa pra mim! Ela fala pra mim que eu sou o braço direito dela, que ela confia em mim, diversas vezes a gente entrou em atrito, em atrito feio sabe, e ainda assim ela confia em mim. Eu fico pensando, como que a pessoa confia.. Eu já pedi pra sai, eu já, ela disse pra mim esperar terminar o mandato dela, porque ela sabe que eu do conta de fazer, e assim pra mim eu estando ali, é bom, eu to perto de casa, é 5 quadras...”*

Terapeuta: *“Você pediu pra ser transferida pra outro colégio, mas para você não é viável, não compensa para você né!”*

O terapeuta apoia e encoraja o cliente, tentando resolver o seu problema, sendo que o mesmo poderia encontrar a resposta por si própria. Esta atitude segundo Tambara e Freire (1999), mantém o cliente preso na sua complexidade, tirando sua oportunidade de explorar sua dificuldade e superá-la.

Cliente: *“[...] eu tive que me despedir de todo mundo hoje do trabalho, por que eu vou fazer matrícula lá e já começo a estudar. Mais uma nova etapa. Nossa senhora. Eu vou entrar na faculdade essa semana e eu tenho prova com o psicólogo na auto escola. Vou ter que tomar um calmante por que eu sou muito ansioso. Se desse pra ficar calmo, 2, 3 vezes reprovado não é muito legal, reprovado 3 vezes no psicotécnico eu achei muito injusto”.*

Terapeuta: *Você entrou com recurso pra saber o por que você reprovou?*

Este tipo de atitude tutelar realizada pela terapeuta acabou suprimindo o cliente da resposta que ele estava buscando, ou seja, do por quê ocorreram três vezes consecutivas a reprovação no teste psicotécnico, algo que ele poderia encontrar em si mesmo. Fez com que o cliente se mantivesse preso em suas dificuldades, visto que, segundo Tambara e Freire (1999), ele encontra no terapeuta a pessoa que faz pelo cliente tudo aquilo que ele mesmo poderia fazer por si mesmo.

Segundo Holanda (2009), o reflexo de sentimento é diferente da reiteração sendo mais dinâmico, favorece a evolução da figura proposta pela reiteração. O sentimento associado a este problema é o centro do mesmo, é o ponto de vista existencial deste, assim que reside a funcionalidade desta intervenção.

Cliente: “[...] *dai é difícil, não sai esses dias pra canto nenhum, só fiquei em casa, que a gente sabe tem hora que a gente desanima a gente desse jeito, ve todo mundo andando pra lá e pra cá e a gente sem poder se movimenta acostumado do jeito que era e agora tá desse jeito, ai faz o que é confia em Deus e a luta ve se melhora.*”.

Terapeuta: “*Isso deixa à senhora triste vê as outras pessoas caminhando e a senhora não pode caminha*”.

O terapeuta se demonstra empático perante o sentimento do cliente, onde ela fala que sente por não conseguir se movimentar sem auxílio de um familiar.

Cliente: “*Eu nunca vou estar preparado de novo pra namoro à distância. Não quero mais, até por isso que eu deixei o outro, falei com um outro pra não vir pra cá, por que não vai dar. Por que tipo, ele vai lá pra Islândia daqui três anos, aí ele não vai querer morar aqui em Cascavel, então como é que eu vou ficar*”.

Terapeuta: “*E de uma certa forma esta situação acabou te abalando, parece que te deixou triste.*”

Neste diálogo o terapeuta utiliza-se da expressão “parece que” com intuito de indicar que está compreendendo o cliente que percebera o sentimento proposto nas entrelinhas.

Cliente: “[...] *E eu perdi minha neta esses tempo sabe doutora, ela tava grávida, ela tava grávida dai minha netinha nasceu morta agora final de ano. Só que outra coisa também, eu era vó, eu também sofri entendeu? Não. Mas a atenção só era deles, eu não tava ali, eu não existia, eu tinha que cuidar deles. Eu tenho que ser forte doutora pra cuidar deles*”.

Terapeuta: *Me parece que você sente falta de um cuidado, de atenção, de alguém se preocupar com a senhora e de ligar pra saber como a senhora está, e de estar ali perto pra quando a senhora precisar.*

O cliente acima não se refere diretamente aos seus sentimentos, mas o terapeuta comunica ao perceber que ela deseja ser cuidada e indica a cliente seu movimento de auto exploração.

Cliente: *(Choro)... (silêncio 5 segundos)... Eu não sei quando eu vou superar! (silêncio 8s) Ele faz de tudo por mim, mas num tem mais graça, sabe?*

Terapeuta: *A senhora perdeu a confiança nele né... Percebo que a senhora tem tanta mágoa que a senhora chegou a perder a confiança nele.*

No exemplo acima a cliente não disse que estava magoada ou que havia perdido a confiança no esposo, o terapeuta percebe o sentimento que estava presente, comunicou para a cliente sua



percepção, usando a expressão “Percebo que” de forma a demonstrar que está compreendendo e que não tem certeza, mas que aguarda uma confirmação do cliente, de que está certo a percepção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio de clínica nos propiciou a experiência de colocar em prática a teoria aprendida no decorrer do curso, enriquecendo nosso conhecimento, a clínica passa então a representar a acolhida da demanda do cliente por meio de um olhar que possa contemplar e alcançar a singularidade das existências, que vão construindo nos caminhos traçados pelos desejos humanos e reveladores da sua condição de ser. Acolher o sofrimento da pessoa, naquilo que pode ser cuidado e apreendido enquanto vivência subjetiva e reveladora de sentimentos.

O Psicólogo na abordagem Humanista precisa vivenciar algumas atitudes que facilitem a mudança do indivíduo, ser congruente no sentido de compreender-se e ter exatidão entre a comunicação e sua expressão, ter consideração positiva incondicional e aceitar as experiências do outro entendendo que são igualmente dignas de consideração positiva, demonstrando total aceitação e apoio aos seus clientes sem julgamento, a compreensão empática não pode ser dissociada das demais, percebe-se que o cliente que se sente acolhido e compreendido entra em processo terapêutico.

Para nós acadêmicas na posição de estagiárias, é de grande importância perceber a tendência inerente que o indivíduo tem para se desenvolver, organizar e se reestruturar em um movimento próprio, onde o terapeuta não precisa direcioná-lo e sim confiar na capacidade que ele tem de crescer com autonomia. Este foi um dos desafios encontrados durante a prática clínica, o fato de não direcionar, ter uma escuta sem julgamento, olhar o cliente não como uma patologia, ter uma confiança inabalável e vivenciar as experiências com ele, no tempo dele e confiando no seu potencial de mudança foi valoroso, porque através destas experiências compreendemos o movimento de transformação com a Abordagem Centrada na Pessoa.

REFERÊNCIAS

ALBERTONI, L.B. **As atitudes transferenciais e a ACP.** Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100005> Acesso em: 30 jun.2017.

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DA ACP. **O que é a ACP?** Disponível em: <<https://apacp.org.br/o-que-e-a-acp/>> Acesso em: 30 jun.2017.

BRASIL. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Institui o estágio de estudantes. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm> Acesso em: 22 jun.2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Institui as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 30 jun.2017

CAMPOS, D.C. **Atuação de estagiários em Psicologia do Trabalho com grupos.** Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S1677-> Acesso em: 22 jun. 2017.

HOLANDA, A.F. **A perspectiva de Carl Rogers acerca da resposta reflexa.** Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000100004> Acesso em: 30 jun 2017

PERES. K.W.M.S. **Relatório de estágio básico em psicologia clínica.** Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/100.pdf>> Acesso em: 22 de jun.2017.

SCALABRIN, I.C.; MOLINARI, A.M.C. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas.** Disponível em: <http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagi_o.pdf> Acesso em: 30 jun.2017.

TAMBARA, N.; FREIRE, E. **Terapia centrada no cliente - teoria e prática um caminho sem volta.** Porto Alegre: Delphos, 1999.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.